A DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO NA REGIÃO DE GRAJAÚ – MA

Marcia Meurer[1]

Mayara Pereira de Sousa[2]

Verônica Queiroz de Assis[3]

Maira Martins da Silva

INTRODUÇÃO

A linguística é uma ciência que estuda a linguagem dos seres humanos. Diferente da gramática tradicional, a linguística não dita regra nem julga o que está certo ou errado, pois sua função é estudar todas as variedades linguísticas, sejam elas formais ou informais verificando a história e seus falantes situados no tempo e no espaço, as variações e o contato entre as línguas ou as variedades de uma língua em questão. E a Sociolinguística e a Dialetologia são as áreas que mais se especializaram para compreender a variação e a mudança linguística, surgindo a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998) que une as áreas como uma ampla ciência da variação e mudança linguística.

Com base nisso, foram realizadas pesquisas que aplicaram as dimensões da Dialetologia Pluridimensional e Relacional na bacia do Prata para fins de identificar e compreender a diversidade linguística, porém línguas e variedades em contato e dentro do português sulista, ou mais amplamente dentro das variedades do Sul, segundo a classificação de Nascentes (1953), depois corroborada pelos resultados do ALiB - Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso, 2010).

Desse modo, as variedades do Norte, e especificamente uma de suas variedades, a nordestina, ainda não havia sido contemplada com análises nas dimensões e parâmetros da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, salvo a tese que trata de migrações sulistas no sul do Maranhão (Meurer, 2022), entretanto, mais uma vez, a variedade analisada foi a sulista e nesse estudo em contato intervarietal com a nordestina. Para focar na variedade nordestina foi proposto o estudo intervarietal em quatro localidades do interior do estado do Maranhão, as microrregiões do Alto Mearim e Grajaú e Chapadas do Alto Itapecuru, conforme pesquisa de Iniciação Científica ciclo 2024/2025 (Assis; Sousa; Martins, 2025). Além disso, o interior do Maranhão tem uma grande variedade linguística em decorrência da presença multiétnica de ribeirinhos, indígenas e quilombolas, o que torna o campo de pesquisa ainda mais instigante. Na microrregião do Alto Mearim e Grajaú também há comunidades tradicionais, e em Grajaú localidade em que se realizou esta pesquisa, ribeirinhos e indígenas estão em contato intervarietal entre si e com migrantes de outras regiões do país, compondo um mosaico de variedades linguísticas, incluindo a presença de outras línguas.

A possibilidade de coletar dados linguísticos de forma simultânea com mais de um participante, em que produção e avaliação linguística se complementam, e a técnica em três tempos para o QSL – Questionário semântico-lexical, com verificação de resposta espontânea, insistência na busca de variantes alternativas e sugerência para captar o repertório passivo

1 Doutora em Letras, Estudos da Linguagem, Sociolinguística, Docente do Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: marciameurer@professor.uema.br

2 Discentes em Letras Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão. E-mails: mpereiradasilva113@gmail.com; veronica.assis.queiroz@gmail.com; mayramartins1316@gmail.com

3 Discentes em Letras Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão. E-mails: mpereiradasilva113@gmail.com; veronica.assis.queiroz@gmail.com; mayramartins1316@gmail.com

do falante compõem as técnicas do método proposto pela dialetologia pluridimensional (Thun, 1998), método escolhido para coleta e análise de dados linguísticos. A alternativa a esse método dialetológico de caráter qualitativo para estudar os contatos intervarietais, seria adotar o questionário sociolinguístico com a coleta individual visando à predominância de dados quantitativos, e que são representativos de uma comunidade linguística na correlação de variáveis linguísticas e variáveis sociais. Nessa metodologia, o espaço geográfico e a mobilidade dos falantes não são preponderantes, mas a classe social e a faixa etária, razão pela qual se adota o método dialetológico que também considera essas variáveis sociais.

Portanto, com base em pesquisas dialetológicas pluridimensionais já realizadas em outras regiões do Brasil e até no exterior, onde surgiu a dimensão diatópico-cinética (migração) como o ADDU – *Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai* (Elizaicín; Thun, ano), esta pesquisa busca levantar variedades linguísticas regionais em contato e até mesmo influências dialinguais em localidades maranhenses, visando contribuir com os estudos linguísticos regionais do português brasileiro, para além da maior ou menor escolaridade do falante. O objetivo geral é identificar e mapear variedades linguísticas bem como as comunidades de falantes que representam a diversidade linguística e cultural no cenário atual da região centro-sul do estado do Maranhão, sendo objetivos específicos: pesquisar dados bibliográficos e de campo, como visitas técnicas, observação etnográfica, entrevistas, conversas livres ou outros instrumentos que se fizerem necessários; catalogar, etiquetar, realizar transcrições gráficas e fonético-fonológicas, armazenar, realizar análises acústicas, estatísticas e linguísticas; disponibilizar os dados por meio da criação e uso de cartografia para a elaboração de cartas e mapas; e, subsidiar, com a divulgação dos resultados da pesquisa, o trabalho das escolas, as políticas públicas e futuros estudos para o reconhecimento do multilinguismo, fomentando a valorização da cultura regional e o respeito à diversidade linguística.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é de cunho qualitativo, com estudo e revisão bibliográfica em materiais físicos e digitais na biblioteca da Uema e consulta aos repositórios institucionais, além da pesquisa de campo.

As diferentes faces dinâmicas da variação e mudança linguística em um meio complexo de contato intervarietal precisam ser ordenadas e analisadas, seguindo critérios e parâmetros sobre os quais discorremos a seguir, conforme postulado pela Dialetologia Pluridimensional (Radtke; Thun, 1999), no seguinte quadro:

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros da Dialetologia Pluridimensional

DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIOS
Diatópico-cinético	Topodinâmico (TD) – residência fixa – 10 anos Topostático (TS) – residência fixa	Migrantes Nascidos no MA
Diageracional	GII – geração mais velha GI – geração mais jovem	Idade acima de 50 anos Idade entre 18 e 36 anos
Diastrática	Classe alta + ocupação Classe baixa + ocupação	Ensino superior (Ca) Ensino básico (Cb)
Diagenérica	Homem Mulher	Adultos que se identificam e exercem esses papeis na comunidade.

Fonte: Adaptado de Radtke; Thun (1999)

Para coletar dados e formar um corpus linguístico para análise foi realizada pesquisa de campo com pessoas nativas e migrantes da localidade de Grajaú. Os 16 participantes da pesquisa foram selecionados segundo os parâmetros da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1999) nos seguintes perfis:

Distribuição dos informantes conforme perfil em cada grupo

CaGII 2 informantes: acima de 50 anos 1 Homem e 1 Mulher Classe sociocultural (Ca): Ens. superior	**CaGI** 02 informantes: 18 a 36 anos 1 Homem e 1 Mulher Classe sociocultural (Ca): Ensino superior
CbGII 2 informantes: acima de 50 anos 1 Homem e 1 Mulher Classe sociocultural (Cb): Ens. básico	**CbGI** 02 informantes: 18 a 36 anos 1 Homem e 1 Mulher Classe sociocultural (Cb): Ensino básico

Fonte: adaptado de Thun (1998)

Para o levantamento dos dados dos falantes (na pesquisa de campo), foram realizadas entrevistas com questionário dialetológico com questões selecionadas do ALIB, do ALERS e de outros atlas linguísticos regionais relacionados às variedades do português brasileiro. Durante algumas entrevistas ao ar livre tivemos algumas intercorrências com ruídos de pessoas ao redor ou barulho de carros e motos, situação comum em pesquisas na zona urbana, mas, mesmo assim, obtivemos um resultado satisfatório com as entrevistas. A elaboração do questionário seguiu a seguinte estrutura:

Tabela 1- Estrutura do questionário

Pesquisa de campo/Questionário	
SEÇÃO A – DADOS SOCIOCULTURAIS	A1. Identificação dos participantes
	A2. Hábitos culturais dos participantes
SEÇÃO B – DADOS ETNOLINGUÍSTICOS	B1. Dados de migração (etnotextos)
	B2. Dados de campo e observação
SEÇÃO C – DADOS LINGUÍSTICOS	C1. Questionário Fonético-fonológico – QFF
	C2. Questionário Semântico-lexical – QSL
	C3. Questionário Morfossintático – QMF

Fonte: Meurer (2022)

Embora a pesquisa contemple todos os questionários descritos no quadro acima, com exceção do C3, o estudo fez a análise de dados socioculturais e os dados linguísticos das seções C1 e C2. No questionário fonético-fonológico foram feitas perguntas como "onde se constrói uma casa?", e a resposta esperada é a palavra "terreno", quando não vem a resposta prevista, em que se pode observar as variáveis linguísticas passíveis de variação, se faz a mesma pergunta formulada de maneira diferente e que induz a resposta aguardada. Nesse caso, as variáveis linguísticas são as consoantes róticas e as vogais usadas pelo falante, as vogais médias pretônica e pós-tônica final, realizadas como média alta, média-baixa ou alta. No questionário semântico-lexical, as perguntas contemplam três tempos: resposta espontânea, insistência e sugerência (Thun, 1998). As análises realizadas neste estudo focaram nas respostas espontâneas e na insistência.

No presente estudo, essas realizações linguísticas foram correlacionadas em quatro dimensões, a dimensão diatópico-cinética, dimensão diageracional, dimensão diastrática e

dimensão diagenérica. A dimensão diatópico-cinética contemplou a comparação dos dados linguísticos de topostáticos (nativos) e topodinâmicos (migrantes), na dimensão diageracional, o grupo GI (+ jovens) e o grupo GII (+ velhos), na dimensão diastrática entre Ca (ensino superior) e Cb (ensino básico) e, por fim, a comparação na dimensão diagenérica entre homem e mulher (gênero).

Descrição sócio-histórica do campo de pesquisa

Estabelecida no centro-sul do estado do Maranhão, Grajaú foi fundada pelo navegador e alferes Antônio Francisco dos Reis, em 11 de março de 1811, à margem leste do Rio Grajaú, no local denominado Fazenda Chapada. Sob a liderança de Antônio, um grupo diversificado, composto por familiares, guias indígenas, escravizados homens, mulheres e crianças, embarcou em uma jornada para colonizar uma nova região. Partindo da Fazenda Capote, eles enfrentaram desafios geográficos, que incluíam serras íngremes, áreas alagadas e ribanceiras. Após dias de caminhada, o grupo encontrou um local rico em caça e árvores frutíferas, o que os motivou a seguir em frente. Sua jornada os levou às margens do Rio Grajaú, onde encontraram uma área com vegetação densa e solo úmido. E naquele local, construíram pequenas embarcações e navegaram pelas águas do rio. O grupo continuou descendo o rio e encontrou um ponto com margens elevadas e uma depressão brusca, onde decidiu estabelecer um acampamento temporário. Foi então que Antônio Francisco do Reis decidiu estabelecer um povoamento definitivo e mandou construir casebres e cabanas, e assim construiu uma estrutura básica para acomodar 40 habitantes.

Entretanto, a tragédia anunciada espreitava tanto o conquistador, Antônio, quanto os povos nativos da chapada. O confronto era inevitável, assim como a perda de ambos os lados. O conflito violento entre os colonos portugueses e os indígenas timbiras pukobyês, na região do rio Grajaú, no Maranhão, iniciou em 1811. Inicialmente amistosos, os timbiras se revoltam após mudanças de comportamento dos colonos e fundadores, no confronto, eles destroem o Porto da Chapada, matando 38 invasores e incendiando o local. Após dois anos de ataques ao Porto, os timbiras resistem com estratégias de guerrilha, atacando embarcações e emboscando tropas. A luta culmina na Batalha da Serra da Desordem, onde os timbiras, liderados pelo "Governador", derrotam os bandeirantes, matando 86 deles. Durante cerca de 30 anos, os indígenas dominavam a região. Em 1850, Antônio Viana reconquista a serra por meio de alianças com tribos rivais, traições e emboscadas com "festas amistosas". Outras tentativas de colonização, como a de Francisco Magalhães, também encontram resistência, apesar do apoio militar e das políticas de reassentamento indígena.

Hoje, Grajaú é uma localidade com forte influência de povos indígenas, tendo, oficialmente, cinco territórios (TI), com uma população de 7.000 habitantes nas reservas (Morro Branco, Bacurizinho, Porquinhos, Arariboia e Cana Brava). Desse quantitativo, apenas Porquinhos é da etnia Canela, e as demais são da etnia Guajajara. Segundo o IBGE (2022), Grajaú tem 73.872 pessoas, e sua população se divide em descendentes dos brancos colonizadores, indígenas e descendentes afrobrasileiros. Formam uma sociedade na zona urbana e rural da localidade com traços culturais de comunidades tradicionais ribeirinhas, indígenas e de quilombos. Atualmente, todos esses povos vivem juntos e se relacionam uns com os outros, mas nem sempre foi assim.

No momento da pesquisa, o município era governado por Antônio Gilson Bonfim da Silva e tinha 213 anos de emancipação política. A localidade é banhada pelo Rio Grajaú, que deságua no Rio Mearim. Esse rio é de grande valor para os grajauenses, pois, por muito tempo, foi o principal caminho para a comercialização (IBGE, 2025).

Contatos étnicos: a economia de Grajaú e as relações comerciais

Grajaú é uma localidade rica em maravilhas naturais, como cachoeiras e praias de água doce, o que influencia o turismo. Alguns atrativos naturais como o Rio Grajaú e o Rio Mearim, onde a população desfruta das águas para banhos e para a pesca. E o Rio Santana que é um afluente do Rio Grajaú que nasce e desemboca no território grajauense, é um santuário ecológico que sustenta a fauna e a flora local. Ele separa os municípios de Grajaú e Amarante de Sítio Novo. Os espaços de lazer, como o balneário Canecão, que oferece espaços para banhos e serviços de bares e lanchonetes, o Olho d'água, que é uma área natural localizada na parte urbana de Grajaú, a região é repleta de nascentes lugares para banhos, e as praças públicas que são muito utilizadas pelos grajauenses para passeios, atividades físicas, etc.

Durante o verão, em especial no mês de junho, o rio Grajaú se transforma em uma das principais forças econômicas da cidade e dos povoados. O local atrai diversos turistas que vêm desfrutar das cachoeiras e das águas em pontos como o Canecão Limoeiro, Prainha, Porto da Nanana e Zé mulato. Essa movimentação beneficia o comércio local, pousadas, hotéis, lojas e o artesanato típico de Grajaú.

Além disso, o local também se destaca pela produção de gesso, o que faz com que seja considerado o segundo maior explorador de gipsita do Brasil, com oito calcinadoras e cinquenta fábricas que produzem mais de 500 mil placas de gesso por mês. A extração mensal de gesso é de 35 mil toneladas, gerando cerca de 3.500 empregos e uma renda anual de R$ 60 milhões. Também se destaca na agropecuária, o que propicia a circulação de pessoas de diferentes localidades do Maranhão e de migrantes de fora do estado e da região. É o segundo maior polo produtor de soja do Maranhão, atraindo produtores de várias regiões. Além da soja, há produção de arroz, mandioca, milho, fava, inhame, macaxeira, abóbora, batata-doce, algodão, feijão, banana, melancia e tomate. A soja impulsionou uma transformação socioeconômica na região, com maior desenvolvimento urbano e aumento do poder de compra.

Um dos principais eventos locais é a Exposição Agropecuária - Expoagra, realizada anualmente há mais de 30 anos, movimentando a economia regional. A pesca artesanal é tradicional, com espécies variadas como mandubé, surubim e tambaqui. A prática respeita o período de piracema para preservação. Há uma colônia de pescadores que produz 2 mil quilos de peixe por mês. A piscicultura também se destaca, com projetos como o Boa Vista, onde 80 famílias produzem 300 toneladas por mês, na comunidade do Baixão, que produz até 10 toneladas por safra. É considerada uma das maiores e mais importantes do estado maranhense, fazendo com que seja chamada de "Rica Pérola do Maranhão".

Indícios de práticas de letramento dos falantes grajauenses: as crenças religiosas

As crenças religiosas que se destacam em Grajaú são a católica, evangélica, espírita e umbanda, porém, as religiões dominantes tem como base o cristianismo. O estilo clássico e moderno das arquiteturas tanto históricas quanto religiosas estão bem representados nas igrejas católicas e evangélicas da cidade com uma infraestrutura de destaque. A cidade tem diversos ambientes de manifestações de fé como a Catedral Nosso Senhor do Bonfim e a igreja São José, Paróquia Nossa Senhora de Fátima e Paróquia São Francisco de Assis, igrejas evangélicas, como Assembleia de Deus que é presente em todos os bairros, a Adventista do Sétimo Dia, Congregação Cristã do Brasil, Quadrangular, entre outras igrejas presentes na cidade. Além da religião católica e evangélica, também têm outras denominações que seguem princípios, crenças e práticas de doutrinas, como: Sociedade de Estudos Espíritas, Cultos Afros, Tenda de São Jorge e São José, Tenda de São Francisco e Vale do Amanhecer.

A cidade carrega o legado do frei Alberto Beretta, um italiano nascido em 28 de agosto de 1916. O religioso era formado em medicina e, em 1949, veio para a paróquia de Grajaú, Maranhão, onde desenvolveu o papel de um bom e verdadeiro cristão.

Frei Alberto tinha uma missão de cura às enfermidades espirituais e carnais. O médico e missionário percorreu os sertões para levar cura e evangelho aos sertanejos e indígenas. Em 1981, frei Alberto perdeu a voz e os movimentos por conta de um derrame. Em 10 de agosto de 2001, frei Alberto faleceu. Alberto é visto pelos católicos como um homem santo. Para homenageá-lo, foi construída uma estátua que fica localizada na praça principal da cidade. Há também monumento a São José, o padroeiro, festejado no mês de março.

Contatos linguísticos e intervarietais: as comunidades tradicionais indígenas

Morro Branco é uma terra indígena maranhense localizada no perímetro urbano do município de Grajaú, no Maranhão. Com uma área de 49,25 hectares, é habitada pelo povo indígena Tenetehara. Segundo o IBGE (2010), a população indígena no Morro Branco era de 587 habitantes. No entanto, há uma grande probabilidade de que essa população tenha aumentado, considerando que o censo ocorreu há mais de uma década e que cada nova pesquisa realizada na aldeia revela um crescimento notório.

A terra indígena do Morro Branco foi demarcada em 1983 e está localizada a 7,6 km de distância do centro da cidade. Os indígenas dessa comunidade sobrevivem da pesca, do artesanato e trabalhando para não indígenas. A caça é inviável devido à pequena área da comunidade e sua localização na zona urbana.

Bacurizinho: localizada na zona rural de Grajaú, a 38,6 km da cidade, é habitada por Guajajara. De acordo com o IBGE (2022), a população dessa terra indígena é de 4.327 pessoas, e sua área é de 83.046,16 hectares.

Porquinhos: essa terra indígena tem uma área de 49.547,05 hectares e é habitada por 892 indígenas Timbiras (Canela/Apanyékra) do tronco linguístico Jê, segundo o censo de 2022. A aldeia fica a 123,4 km da cidade.

Cana Brava: território indígena que se estende pelos municípios de Grajaú, Barra do Corda e Jenipapo dos Vieiras. A área da terra indígena em Grajaú é de 7,33%.

TI Urucu-Juruá: habitada por Guajajara, essa terra indígena fica nos municípios de Grajaú e Itaipava do Grajaú. A área da terra indígena em Grajaú é de 12.308 hectares. Urucu-Juruá é uma das aldeias mais distantes de Grajaú, ficando a 89,9 km da cidade. Segundo o censo demográfico de 2022, a população é de 1.046 pessoas.

Vale ressaltar que todas essas terras indígenas são demarcadas pela Funai. Na zona rural e urbana de Grajaú, como mencionado anteriormente, são locais habitados por brancos, as tribos indígenas Tenetehara e Awa Guajá, e o quilombo Santo Antônio dos Pretos, consequentemente, há contatos do português falado em Grajaú com essas línguas indígenas.

A educação na localidade de Grajaú-MA

Em Grajaú, o setor educacional é o que mais tem crescido nos últimos tempos atendendo aos anseios e melhorando a qualidade educacional da cidade, resolvendo problemas diversos da comunidade em relação a estudo e educação. A educação, enquanto direito de todos, é um dever do município e da sociedade e deve ser baseada nos princípios da democracia, da liberdade de expressão, da solidariedade e do respeito aos direitos humanos.

A educação de Grajaú ganhou um grande impulso nos últimos 15 anos, desde a fundação do primeiro polo universitário (Universidade Estadual do Maranhão – UEMA), trazendo dois cursos riquíssimos a Grajaú (Enfermagem e Zootecnia), recebendo estudantes de todo Brasil. Anos depois vieram as instituições federais Universidade Federal do Maranhão e Instituto Federal do Maranhão – IFMA. Grajaú se tornou um polo universitário referência em educação.

Figura 1- Campus UEMA de Grajaú



Fonte: UEMA

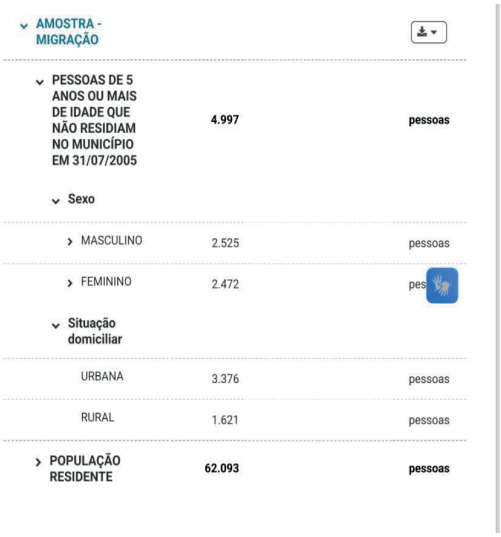
A educação grajauense já passou por grandes transformações desde o início e durante o desenvolvimento desse processo educacional. É importante salientar que a primeira escola fundada no município era particular, o Colégio São José, criado pelos Padres Capuchinhos em 1922. O objetivo da escola era preparar os alunos para estudos superiores fora do município. Para estudar pagavam-se três mil reis, então no começo somente filhos dos fazendeiros poderiam ter direito à educação. Havia aqueles que frequentavam aulas nas fazendas, junto com outras crianças ou não tiveram estudos ou só estudaram quando iam a outros municípios, as informações foram retiradas do artigo *Pesquisa em História: fatos e memórias da primeira escola do município de Grajaú - MA*, escrito por Tainara Souza Pereira e Paulo Sérgio Castro Pereira. No artigo foram entrevistadas quatro pessoas de 70 a 90 anos que pudessem lembrar sobre como era a educação em Grajaú antigamente. Hoje em dia a educação evoluiu na cidade de Grajaú, chegando até nas aldeias indígenas da região.

Em Grajaú existem 189 escolas, incluindo escolas privadas e públicas, com a escolarização de 6 a 14 anos com 97% (2010) de taxa de escolarização, sendo a mais alta, o índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para a rede pública em Grajaú, 4,7 nos anos iniciais do ensino fundamental e 4,3 nos anos finais em 2023. A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 43,20%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 20,43% (2010). Em 2010, considerando-se a população de 25 anos ou mais de idade no município, 29,44% eram analfabetos, 27,78% tinham o ensino fundamental completo, 16,70% possuíam o ensino médio completo e 3,35%, o superior completo. Na UF, esses percentuais eram, respectivamente, 27,15%, 38,53%, 26,36% e 5,43%. Sendo 2010, o melhor ano de taxa de escolaridade em Grajaú.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas pesquisas em sites, como o do IBGE, para identificar a população nativa e residente na cidade há mais de 5 anos. Infelizmente, não temos dados detalhados atualizados, sendo disponíveis apenas os dados do censo de 2010 (cf. Figura 2).

Figura 2 – Dados demográficos de população migrante e nativa

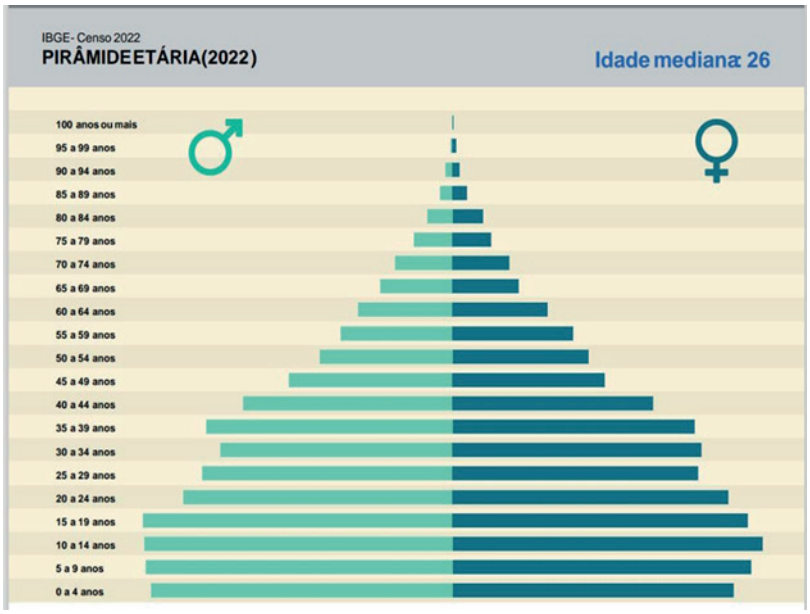


AMOSTRA - MIGRAÇÃO		
PESSOAS DE 5 ANOS OU MAIS DE IDADE QUE NÃO RESIDIAM NO MUNICÍPIO EM 31/07/2005	4.997	pessoas
Sexo		
MASCULINO	2.525	pessoas
FEMININO	2.472	pes
Situação domiciliar		
URBANA	3.376	pessoas
RURAL	1.621	pessoas
POPULAÇÃO RESIDENTE	62.093	pessoas

Fonte: IBGE, 2025

Também foram coletados dados da pirâmide etária da população de Grajaú (Figura 3).

Figura 3 – Faixa etária dos moradores de Grajaú com base no Censo de 2022



Fonte: Censo IBGE (2022)

Percebe-se no quadro acima que a população é majoritariamente jovem. As entrevistas foram realizadas com falantes nas faixas etárias de 18 a 36 anos e acima de 50 anos. A comparação da produção linguística entre os dois grupos GI (mais jovens) e GII (mais velhos) pode apresentar variação e/ou indício de mudança linguística em tempo aparente (Labov, 2008), ou seja, como os falantes mais jovens podem mudar a sua variedade regional quando tiverem a idade do grupo mais velho. Abaixo seguem as tabelas com as análises de dados levantados para comparar os falantes de acordo com as dimensões diatópico-cinética e diageracional, e comparar as variantes linguísticas presentes.

Quadro 2 – Variação semântico-lexical no campo corpo humano

Topodinâmico	Espontânea	Topostático	Espontânea
CbGII_m	coxó	CbGI_f	⋆
CaGII_f	capenga	CaGII_m	coxó
CbGI_f	mancu	CbGII_f	coxó
CbGII_m	Manqueba	CbGI_m	mancu
		CbGI_m	mancu
		CbGI_f	mancu
		CaGII_f	Manca
		CaGI_m	Manca
		CaGI_m	coxó
		CaGI_f	coxó
		CbGII_f	mancu
		CaGII_m	mancu

Fonte: Assis (2024).

A tabela acima se refere ao QSL, questionário semântico-lexical, e esta dividida em dois grupos de falantes, topodinâmicos, que são migrantes com mais de 10 anos residindo em Grajaú, e em topostáticos, nativos da cidade. E havendo uma subdivisão de participantes de acordo com a faixa etária (GII, falantes acima de 55 anos, e GI, falantes de 18 a 36 anos). A tabela compara as respostas dos participantes com dados de fala espontânea a partir da pergunta 115 do questionário do ALiB, "A pessoa que puxa de uma perna? ". As palavras acima ("coxó", "capenga", "mancu", "manqueba" e "manca") são variáveis lexicais que tem como objetivo pertencer a uma mesma ideia. O campo semântico presente é sobre o corpo humano, porque todas as respostas recorrem ao mesmo sentido de descrever uma falta de mobilidade de um membro do corpo, por tanto as variáveis lexicais citadas anteriormente, estão presentes dentro do mesmo campo semântico.

Na dimensão diatópico-cinética, a variação ocorre entre dois grupos de falantes, no grupo topodinâmico há uma maior variação lexical, usam "coxó", "capenga", "mancu" e "manqueba". Sendo assim um grupo com mais diversidade para nomear um mesmo conceito. E entre os falantes do grupo topodinâmico, há uma menor variação lexical, como podemos analisar o uso frequente das palavras "coxó", "mancu" e "manca". Na dimensão diageracional, nota-se que em ambos os grupos há uma variedade do uso das variantes.

Quadro 3 – Variação semântico-lexical no campo jogos e diversões infantis

Topodinâmico	Espontânea	Topostático	Espontânea
CbGII_m	⋆	CbGI_f	⋆
CaGII_f	Amarelinha	CaGII_m	Macaca
CbGI_f	Amarelinha	CbGII_f	Macaca
CbGII_m	Cancão	CbGI_m	Amarelinha
		CbGI_m	Amarelinha
		CbGI_f	Amarelinha
		CaGII_f	Amarelinha
		CaGI_m	Amarelinha
		CaGI_m	Cancão
		CaGI_f	Cancão
		CbGII_f	Cancão
		CaGII_m	Macaca

Fonte: Assis (2024).

Esse quadro compara as respostas dos participantes com dados de fala espontânea a partir da pergunta 167 do questionário do ALiB, "A brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mimica) e vão pulando de uma perna só? ". As palavras acima ("amarelinha", "cancão" e "macaca") são variáveis lexicais que tem como finalidade pertencer a uma mesma ideia. O campo semântico presente é sobre jogos e diversões infantis, porque todas as respostas irão pertencer ao mesmo sentido de descrever uma brincadeira praticada por crianças, portanto as variantes lexicais citadas estão presentes dentro do mesmo campo semântico.

Na dimensão diatópico-cinética, as variações aparecem distribuídas entre os grupos topodinâmico, onde se encontra apenas duas variantes, e topostáticos, que surge com maior número de variantes, entretanto em ambos os grupos há uma predominância da palavra "amarelinha" para nomear a brincadeira. Enquanto na dimensão diageracional, a variante "amarelinha" possui uma certa dominância entre o grupo GI, havendo apenas dois falantes que utilizam da variante "cancão". No grupo GII, aparece o uso de todas as variantes, sendo "macaca" mais usada por falantes topostáticos e "cancão" aparece tanto nos falantes topostáticos, quanto em falantes topodinâmicos. Analisando a dimensão diageracional, pode se notar que algumas variantes ("cancão" e "macaca) estão desaparecendo do vocabulário dos jovens, e favorecendo o uso de uma variável mais atual ("amarelinha"). Em síntese, as variações semântico-lexicais em relação à dimensão diatópico-cinética se apresentaram desta forma, conforme tabela abaixo:

Tabela 2 – Síntese da variação semântico-lexical

TOPOSTÁTICOS		TOPODINÂMICOS	
GI	GII	GI	GII
mancu, manca, coxó	manca, mancu, coxó	mancu	capenga, coxó, manqueba
aruvai, orvalhu, neblina(4)	orvalhu(4), água	neblina	aruvai, orvalhu, fluviana
tangerina, mixirica, tanja, limão	tangirina(3), tangerina(2), tanja, mixirica, poncã	tangirina	tangerina, bergamota, mixirica
maneoca, mandioca(4), macaxeira(5)	mandioca(4), aipim(2), macaxeira(4)	*	macaxeira, aipim, mandioca
angolista(4), to fracu(4), guiné(3), capoti(2), galinha da angola, galinha d'agua	angulista(4), galinha da angola(2), capoti, galinha d'agua, guiné, cocar, to fracu	angolista, galinha d'água, guiné	angolista(2), galinha da angola(2), capoti, cocar, guiné
maratá, paieru, tabacu, cigarru, porronca, fumu	porronca(4), cigarru di palha	*	cigarru di moi, fumo, palheiru, tabacu, porronca
Baladeira(5), bodogue, istilingui	Baladeira(4), istilingui(4)	istilingui	baladera(2), istilingui(2), funda,
amarelinha(6), cancão	amarelinha(5), macaca, cancão	amarelinha	amarelinha(2), cancão
semaforu(6), sinal	semaforu(3), sinal, farou	semaforu	semaforu(2), sinal, sinaleira
mão di vaca(6), pão duru(4), canguinu, mão fechada	mão di vaca(4), pão duru(2), avarentu, suvinu, canguinhu, canguinu, mão fechada	pão duru	canguinhu(2), mão di vaca(2), pão duru, mão fechada

Fonte: Assis (2024).

A análise mostra que, na dimensão diatópico-cinética, os falantes topostáticos preservam variantes conservadoras do português sertanejo, como manca, tanja, maneoca e canguinu, refletindo identidade local. Já os topodinâmicos, mais móveis, adotam formas inovadoras, como capenga, fluviana, bergamota e sinaleira, resultado do contato entre variedades regionais. Na dimensão diageracional, as gerações mais velhas (GII) mantêm variantes tradicionais, enquanto as mais jovens (GI) preferem formas padronizadas, evidenciando substituição lexical.

Quadro 4 – Variantes fonético-fonológicas mais frequentes na palavra PRATELEIRA

TOPODINÂMICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE	TOPOSTÁTICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE
CbGII m1	[pah.ʧi'le.ɾə]		CbGI f1	s/r	
CaGII f1	[pɾa.te'le.ɾəs]		CaGII m1	[pɾa'te.lej.ɾəs]	
CbGI f2	[pɾa.ʧi'ɾe.ɾə]		CbGII f2	[pɾa'ʧi.le.ɾə]	
CbGII m2			CbGI f3	s/r	
			CaGI m2	s/r	
			CaGI m3	[pɾa.ʧi'ɾe.ɾə]	
			CaGII f4	[pɾa'ʧi.le.ɾə]	
			CaGI m4	[pɾa.ʧi'le.ɾə]	
			CbGII f5	[pɾa.ʧi'le.ɾə]	
			CaGII m5	[pɾa.ʧi'le.ɾə]	
			CaGI m6	[pɾa.ʧi'le.ɾə]	
			CaGI f6	[pa.ʧi'le.ɾa]	

Fonte: Sousa (2024).

Agora no QFF, questionário fonético-fonológico, na pergunta, *"Aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias?",* tivemos os seguintes resultados: no grupo topodinâmico a produção linguística "prateleira" apresenta variação na primeira sílaba com uma ocorrência de metátese [pah.ʧi'le.ɾə], uma ocorrência de não palatalização na segunda sílaba [pɾa.te'le.ɾəs], houve uma ocorrência de rotacismo [pɾa.ʧi'ɾe.ɾə] no falante mais jovem (CbGI) e monotongação na sílaba tônica em todas as ocorrências.

Também nessa mesma pergunta, para o grupo topostático tivemos os seguintes resultados: na produção linguística "prateleira" não se apresentou variação na primeira e segunda sílabas, com palatalização em oito ocorrências e apenas um caso de não palatalização (CaGII_m1). Na sílaba tônica houve apenas uma ocorrência de ditongação [pɾa'ʧi.lej.ɾəs], para o falante mais velho (CaGII) predominando a monotongação e uma ocorrência de rotacismo [pɾa.ʧi'ɾe.ɾə].

As produções linguísticas apresentadas nas respostas dos dois grupos nas dimensões diatópico-cinética e diageracional não foram significativas, exceto a não palatalização da alveolar surda (t) da migrante, havendo destaque para a variação nos grupos em função da dimensão diastrática (Ca/Cb).

Quadro 5 – Variantes fonético-fonológicas mais frequentes na palavra LÂMPADA

TOPODINÂMICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE	TOPOSTÁTICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE
CbGII m1	['lã.pˡ.də]		CbGI f1	['lã.pa.də]	
CaGII f1	['lã.pa.də]		CaGII m1	['lã.pa.də]	
CbGI f2	['lã.pa.də]		CbGII f2	['lã.pa.də]	
CbGII m2	['lã.pˡ.də]		CbGI f3	['lã.pa.də]	
			CaGI m2	['lã.pa.də]	

			CaGI m3	[‘lã.pa.də]	
			CaGII f4	[‘lã.pa.də]	
			CaGI m4	[‘lã.pa.də]	
			CbGII f5	[‘lã.pˡ.də]	
			CaGII m5	[‘lã.pa.də]	
			CaGI m6	[‘lã.pa.də]	
			CaGI f6	[‘lã.pa.də]	

Fonte: Sousa(2024).

Na pergunta *“Aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro?”* tivemos os seguintes resultados: a sílaba tônica não apresenta variação, a postônica apresenta o levantamento de /a/>/i/ em alguns falantes do grupo topodinâmico (CbGII_m1) (CbGII_m2) tal qual, no grupo topostático (CbGII_f5), a terceira sílaba não apresenta variação em todas as ocorrências.

Percebe-se também que a variante está presente apenas na fala de pessoas idosas que não possuem ensino superior, havendo destaque para a variação nos grupos em função das dimensões diageracional e diastrática (Ca/Cb).

Quadro 6 – Variantes fonético-fonológicas mais frequentes na palavra FERVENDO

TOPODINÂMICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE	TOPOSTÁTICO	TRANSCRIÇÃO	VARIANTE
CbGII m1			CbGI f1		
CaGII f1	[fex’vẽ.nʊ]		CaGII m1	[fɛh’vẽ.dʊ]	
CbGI f2			CbGII f2	[fɛx’vẽ.dʊ]	
CbGII m2	[frɛ’vẽ.nʊ]		CbGI f3		
			CaGI m2	[feh’vẽ.dʊ]	
			CaGI m3	[fɛh’vẽ.dʊ]	
			CaGII f4	[fɛh’vẽ.dʊ]	
			CaGI m4	[fɛh’vẽ.dʊ]	
			CbGII f5		
			CaGII m5	[fɛɾ’vẽ.dʊ]	
			CaGI m6	[fɛx’vẽ.nʊ]	
			CaGI f6	[fɛɾ’vẽ.dʊ]	

Fonte: Sousa (2024).

Na pergunta,“*Quando a água da chaleira fica quente de soltar fumaça, a gente diz que ela está...”*, tivemos os seguintes resultados: no grupo topodinâmico a produção linguística “fervendo” apresenta variação nas róticas. No primeiro caso (CaGII_f1), a entrevistada usou uma fricativa velar /x/ [fex’vẽ.nʊ], na primeira sílaba, manteve a vogal média-alta, nasalizou a vogal da segunda sílaba e também houve a síncope da alveolar /d/. No segundo caso, (CbGII_m2) há presença de metatese do /r/ [frɛ’vẽ.nʊ] e alçamento da vogal na primeira sílaba, nazalização da vogal da segunda sílaba e síncope de /d/, além de elevação da vogal postônica.

Também nessa mesma pergunta, para o grupo topostático tivemos os seguintes resultados: houve uma diversificação das róticas, observando-se a presença da fricativa glotal /h/ (CaGII_m1 CaGI_m2, CaGI_m3 ,CaGII_f4 e CaGI_m4). Há também a fricativa velar (CbGII_f2 e CaGI_m6) e dois casos com tepe (CaGII_m5 e CaGI_f6). Observa-se o levantamento da vogal média alta pela média baixa. Ademais todas as ocorrências mantiveram a vogal da segunda sílaba nasalizada. Predominou o uso do fonema /d/ com apenas um caso de síncope [fɛx’vẽ.nʊ].

Em síntese, os resultados das análises fonético-fonológicas podem ser resumidas assim, quanto à dimensão diatópico-cinética:

Tabela 3 – Síntese da variação fonético-fonológica

TOPOSTÁTICOS (nativo)		TOPODINÂMICOS (migrante)	
GI	GII	GI	GII
[te'hẽ.nʊ] [tɛ'hẽ.nʊ](3)	[tɛ'hẽ.nʊ](3)	[tɛ'hẽ.nʊ]	[tɛ'hẽ.nʊ](2) [te'hẽ.nʊ](1)
[te.le.vɪ'zãw] [tɛ.lɛ.vɪ'zãw](3) [te.lɛ.vɪ'zãw]	[te.le.vɪ'zãw] [tɛ.lɛ.vɪ'zãw](3)	[tɛ.lɛ.vɪ'zãw]	[tɛ.lɛ.vɪ'zãw] [te.le.vɪ'zãw] [tɛ.le.vɪ'zãw]
[ɛ'lɛ.trɪ.kʊ]	[ɛ'lɛ.trɪ.kʊ]	[ɛ'lɛ.trɪ.kʊ]	[ɛ'lɛ.trɪ.kʊ]
[hɛ'vɔw.veh] [hɛ'vɔw.vɪ](2)	[hɛ'vɔw.veh] [hɛ'vɔw.vɪ](2)	[hɛ'vɔw.vɪ]	[hɛ'vɔw.vrɪ] [hɛ'vɔw.vɪ](2)
[feh'vẽ.dʊ] [fɛh'vẽ.dʊ](3) [fɛx'vẽ.nʊ]	[fɛh'vẽ.dʊ] (2) [fɛx'vẽ.dʊ] [fɛr'vẽ.dʊ]		[fex'vẽ.nʊ] [frɛ'vẽ.nʊ]
[pro.sɪ'sãw] [prɔ.sɪ'sãw](2)	[prɔ.sɪ'sãw](4) [prɔ.sɪ'sã.ʊ]		[prɔ.sɪ'sãw](3)
[bɔ'taø](2) ['bɔ.tə]	[bɔ'taø](2) ['bɔ.tə]	[bɔ'taø]	[bɔ'taø] [bo'taø]
[so'xi.zʊ](3)	['xi.zʊ] [sɔ'xi.zʊ] [so'xi.zʊ](3)	[so'xi.zʊ]	[sɔ'xi.zʊ] [so'xi.zʊ](2)
[o've.ʌə]	[o've.ʌə] (4) [ʊ've.ʌə]	[o've.ʌə]	[ʊ've.ʌə](2) [o've.ʌə] (2)
[pra.ʧi're.rə] [pra.ʧi'le.rə](3)	[pra'te.lej.rəs] [pra'ʧi.le.rə] (3) [pra'ʧi.le.rəs]	[pra.ʧi're.rə]	[pah.ʧi'le.rə] [pra.te'le.rəs] [pra.ʧi'le.rə]
[sã.tã'tõ.nɪʊ] (3) [sã.tõ'tõ.nɪʊ] [sã.tõ'tõĩ] [sã.tuã'tõ.nɪʊ]	[sã.tã'tõĩ] (2) [sã.tuã'tõ.niʊ] [sã.tã'tõ.nɪʊ] [sõ.tõ'tõĩ]	[sã.tõ'tõ.nɪʊ]	[sã.tã'tõ.nɪʊ] [sã.tuã'tõ.niʊ] [sã.tõ'tõĩ]

Fonte: Sousa (2024).

Os dados apresentados mostram que, na dimensão diatópico-cinética os falantes topodinâmicos apresentam mais variações linguísticas do que os nascidos em Grajaú, com destaque para a presença de vogais médias altas [E] e [O] e fenômenos de metaplasmos. Já na dimensão diageracional não houve variação linguística significativa entre os falantes mais velhos e mais jovens, apresentando indícios para a variação diastrática no nível fonético-fonológico.

Em alguns dos dados socioculturais analisados relacionados às dimensões diastrática e diagenérica, temos o casal em que a mulher é uma jovem bilíngue português e Guajajara Tentehar, e ele um homem mais velho migrante cearense. A relação entre eles é econômica, ela

trabalha no restaurante dele como atendente. Ela veio para Grajaú um ano antes, tem uma filha que também fala Tentehar e mora em Arame. Ela relata que seu povo vive mais da caça e da coleta de frutas, e seus gostos musicais variam de reagge a cantorias indígenas. Ela já trabalhou em uma construtora como cozinheira e agora trabalha como atendente no bar do entrevistado migrante.

Falas da participante: *gosto de* ***cuzinhar muquiado*** *assado.*

O homem é garimpeiro e comerciante, não é bilíngue e tem um bar (quiosque), mora há 25 anos em Grajaú. Ele se mudou para Grajaú, porque sua mãe decidiu se mudar do Ceará para Grajaú, mas sempre visita seus familiares no Ceará.

Falas do participante: já fiz muito…. ***estregonofe, charruço*** *(charrua) a passarinho, tem um* ***criatoro*** *de* ***pexe, tilapa, surubí, manduri****(peixe andirá).*

Ambos trabalham juntos no bar, ela como atendente e ele como dono e administrador e até cozinhando, ambos gostam de morar em Grajaú.

O que mais se destacou nesse casal CbGII e CbGI foi o repertório, a sua riqueza vocabular, proveniente de uma falante bilíngue e de um migrante, o resultado é a diversidade linguística em destaque do encontro de culturas. O fato de ele ser migrante do Ceará, assim como no casal CbGII, o falante homem era migrante da Bahia, percebe-se uma diversidade vocabular maior, pelo contato com mais variedades linguísticas regionais.

Os entrevistados com menos escolaridade (Cb) demonstraram uma riqueza maior em seu idioleto, enquanto os com mais escolaridade (Ca) falam seu idioleto com influência da variedade padrão formal. Na dimensão diagenérica entre homem e mulher com mais escolaridade (Ca), a variação é bem pequena, mas na entrevista o homem respondia muitas vezes sem muitos detalhes e algumas vezes fazendo algum comentário, já a mulher falava mais, explicando e dando detalhes de forma mais aprofundada sobre as perguntas socioculturais. Na mesma dimensão diagenérica, entre homem e mulher com menos escolaridade (Cb) já possuía uma diferença: a mulher falava sobre sua vida dando detalhes de sua trajetória. Já os homens conversavam mais sobre sua vida dando detalhes mesmo não precisando e muitas vezes falando no seu idioleto único (como o caso do CbGII, o senhor de 67 anos, topodinâmico).

CONCLUSÃO

A base teórico-metodológica desta pesquisa fundamentou-se na Geolinguística Pluridimensional e Contatual (Altenhofen; Thun, 2016) quanto aos processos de contato linguístico motivados por migrações e nas análises da Dialetologia Pluridimensional (Razke; Thun, 1999) com as suas dimensões e parâmetros.

Com base no estudo sobre variação e mudança linguística, as hipóteses eram que ocorressem diferenças linguísticas (variação) não somente entre nativos e migrantes, mais jovens e mais velhos, entre falantes de escolaridade no nível superior e básico, mas também quanto ao gênero do falante. Esperávamos que as entrevistadas mulheres possuíssem uma linguagem mais conservadora e diferente da fala masculina devido aos papeis sociais em diversas atividades econômicas (ocupação no trabalho) da localidade, que parece propiciar diferentes contatos linguísticos entre os homens. No entanto, o que se verificou nesta pesquisa, é que a dimensão diagenérica não foi tão relevante para a variação linguística quanto à dimensão diastrática. A questão do letramento dependendo da ocupação profissional que cada falante exerce tem papel preponderante.

Na dimensão diastrática comparando-se a classe socioculturalmente mais alta (Ca ou + escolarizado) com a classe sociocultural mais baixa (Cb ou -escolarizado), houve maior variação linguística, seja no nível lexical ou até mesmo no nível fonético-fonológico em que percebemos diferenças mais acentuadas. Isso significa que o grau de escolaridade influencia na sua variedade materna padronizando as produções linguísticas, conforme o que circula em materiais escritos ou midiáticos, muitas vezes até reduzindo a quantidade de variantes existentes regionalmente.

Em síntese, as dimensões diatópico-cinética e diageracional nos levaram a identificar a produção de variantes linguísticas e relacionar com variáveis sociais, como as variações linguísticas presentes entre falantes mais velhos que possuem uma fala mais conservadora e falantes mais jovens que por influência tecnológica apresentam uma fala mais inovadora, assim como a variação linguística de falantes nativos e falantes migrantes que estão morando na localidade há mais de 5 anos. Esses dados de pesquisa permitiram, conforme a estrutura do questionário, apresentar variáveis mais salientes ou determinantes para a variação na correlação entre fatores sociais (sexo, etnia, classe social, idade, etc.) e fatores linguísticos (fonológica, morfológica, semântica e lexical).

Espera-se que o projeto *Diversidade linguística: mapeamento de variedades no falar sul-maranhense* – represente uma contribuição significativa para os estudos linguísticos do Maranhão. O projeto de pesquisa dá voz aos falantes, abre para a diversidade e o respeito, e destaca a importância da preservação e valorização das variedades linguísticas como parte integrante do patrimônio cultural imaterial que transforma para uma sociedade saudável, inclusiva, segura e justa. Além disso, possibilita fortalecer o reconhecimento linguístico e cultural da própria comunidade de fala de Grajaú, localizada na região centro sul do estado maranhense.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PPG pelas bolsas concedidas, bolsa PIBIC-FAPEMA, bolsa PIBIC-UEMA e bolsa PIVIC-UEMA para a realização desta pesquisa. Reafirmamos que o estudo colabora com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS 2030, no objetivo 4 – Educação de qualidade, objetivo 5 – Igualdade de gênero, e objetivo 10 – Redução das desigualdades.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: [AGUILERA, Vanderci; ROMANO, Valter (eds.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas.] Londrina: Ed. UEL [2016].

AGUILERA, Vanderci; ROMANO, Valter (eds.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina, PR: Editora UEL, 2016.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2017.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico:** *o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999

CARDOSO, Carlota. **O Sertão:** *subsídios para a história e a geografia do Brasil*. Imperatriz: Ética, 2006.

CARDOSO, Suzana. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARLOTA, Maria. **Uma viagem com a linguística**: um panorama para iniciantes. São Paulo. Pá de palavras, 2022.

CRISTÓFARO, Thais. **Fonética e fonologia do português**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo das línguas. São Paulo. 2 ed . Parábola, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Grajau - MA: [informações sobre a cidade]. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/pesquisa/23/24007?detalhes=true Acesso em: 21 fev. 2025.

IBGE. Panorama do município de Grajaú. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/panorama. Acesso em: 21 fev. 2025.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MELATTI, Júlio. Índios do Brasil. Brasília, DF: Editora de Brasília, 1972.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria. Luiza. ***Introdução à sociolinguística:*** *o tratamento da variação***.** São Paulo, SP: Contexto, 2012.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

SAMPAIO, Alexandre [et al.]. **Grajaú cidade da gente**: estudos regionais. Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2022.

RADKTE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolingüística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.